

Recursos Humanos



Alexandre Quintanilha foi um dos oradores no fórum da Portuguese American Post-Graduate Society, em Nova Iorque, que reuniu os "cérebros" que emigraram para os EUA

O poder da diáspora

Em 2006 os jovens talentos portugueses que estudam nos Estados Unidos estavam preocupados com o regresso. Hoje, o problema é o inverso

Jaime Fidalgo, em Nova Iorque

● Em Março de 2006, um grupo de 100 jovens talentos portugueses está reunido na prestigiada Universidade de Berkeley (Califórnia). Vieram de todas as partes dos Estados Unidos para o 7º Fórum anual da PAPS - Portuguese American Post-graduate Society - a associação dos estudantes de pós-graduação que residem nos Estados Unidos. A maioria são investigadores nas áreas da ciência e tecnologia que estão a concluir um doutoramento ou um curso de pós-graduação. Mas esta rede inclui ainda os professores e os alunos de economia e gestão (em particular, os de MBA) e de outras ciências sociais. Embora o tema principal do Fórum de 2006 fosse as parcerias transatlânticas, o debate acabou por ser marcado pelas questões crónicas da fuga dos nossos cérebros e pela escassez de oportunidades para o seu regresso a Portugal.

Os jovens da PAPS queixavam-se que o Estado português tinha feito

um esforço financeiro elevado para os colocar a estudar nas melhores universidades do mundo, mas que depois não se preocupava com o retorno desse investimento.

Em Março de 2007 a PAPS voltou a reunir 150 associados para o seu 8º Fórum anual (desta vez realizado na Columbia University, Nova Iorque), inaugurado por João de Vallera, Embaixador de Portugal colocado em Washington. Logo no início da sessão, cedo se percebeu que o tom do debate iria alterar-se substancialmente face ao ano anterior. Na palestra de abertura, Alexandre Quintanilha, fundador e director do Instituto de Biologia Molecular e Celular (IBMC), fez uma apresentação dos Laboratórios Associados, rede da qual é o principal responsável desde 2006. Estes laboratórios dedicam-se integralmente à investigação e visam atrair para Portugal os melhores talentos em várias áreas científicas. Hoje já existem 25 laboratórios associados que englobam 60 instituições de investigação e integram

1.729 doutorados e 2.922 investigadores. Alexandre Quintanilha recordou também a existência dos programas Marie Curie, lançados sob a égide da União Europeia, que têm recursos financeiros para facilitar o regresso dos cientistas ao velho continente. Para mais, os investigadores têm total liberdade para escolher os países e locais onde querem prosseguir os seus projectos.

João Sentieiro, presidente da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), manteve o tom optimista no painel seguinte, moderado pela jornalista Fátima Campos Ferreira, (que animou uma espécie de "Prós e Contras" ao vivo). Na questão do regresso dos cérebros a Portugal, referiu que o Governo - apesar dos cortes orçamentais - aumentou em 60% o investimento na ciência e tecnologia. E realçou o aumento do número de bolsas para estudantes no estrangeiro e a criação de mais laboratórios associados, destacando concurso para a admissão de novos doutorados. Coube, no entanto, a José Moura, professor de Carnegie Mellon, desde 1986, e actualmente em licença sabática da sua docência no MIT, apresentar o que o Governo considera ser a sua "jóia-da-coroa" nesta área: o programa de parceria entre o Estado e algumas das melhores universidades mundiais como o MIT e a Carnegie Mellon. José Moura salientou o facto de através deste acordo os estudantes poderem ter acesso a dois graus: um atribuído pela universidade portuguesa e outro pela Carnegie Mellon. Por fim, destacou ainda o protocolo estabelecido com empresas portuguesas de referência na área tecnológica tais como a Portugal Telecom, a Siemens, a Novabase e a Critical Software onde estas se comprometem, até 2009, a duplicar o investimento em investigação e desenvolvimento (1,5 por cento da facturação anual), a aumentar o número de patentes criadas (de dois a seis) e a reforçar a qualificação dos seus quadros (recrutar cinco novos doutores e 12 "masters").

Apesar deste quadro aparentemente risonho, os associados do PAPS não deixaram de mostrar insatisfação por alguns problemas que persistem. Um dos oradores, Tiago Outeiro, investigador do departamento de neurologia da Harvard Medical School e ex-presidente da PAPS, apresentou estatísticas internacionais que demonstram o quanto Portugal ainda está atrasado face aos restantes países da União Europeia.

Problemas que persistem

Apontou problemas como a falta de políticas de médio prazo (que permaneçam estáveis ainda que existam mudanças de Governo), a incapacidade de Portugal atrair os melhores talentos mundiais da ciência e a necessidade de uma reforma do sistema académico. "Em Portugal os investigadores são, também, professores o que lhes deixa muito pouco tempo para a pesquisa", afirmou, sugerindo a adopção do modelo norte-americano em que os alunos do doutoramento libertam os professores de tarefas com menor valor acrescentado como a correcção dos testes.

João Paulo Girbal, ex-responsável da Microsoft em Portugal e actual responsável pela divisão de "Mobile & Embedded Devices" na sede da empresa em Seattle, aproveitou a deixa para questionar os oradores sobre qual é a visão para a ciência e tecnologia em Portugal para os próximos 20 anos e quais as prioridades estratégicas. Para todos os efeitos, diz, "alguns objectivos parecem ser pouco ambiciosos, tal como a criação de duas a seis patentes até 2009 por parte de empresas com a dimensão da Portugal Telecom". Outra questão pertinente foi a da aparente dispersão de esforços pelo facto do Estado estar a subsidiar um número elevado de instituições que não têm massa crítica à escala internacional. João Sentieiro, da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), concordou que "Portugal não pode ser excelente em todas as áreas e que está em curso um programa de avaliação para dimi-

Opinião

Entrada nos EUA

Sobre Aquisições, ADN e EDP

Vitor Corado Simões*

A imprensa conferiu justificado destaque à aquisição da empresa eólica americana Horizon pela EDP. Com efeito, não é comum uma empresa portuguesa concretizar uma operação desta envergadura, adquirindo uma congénere americana. A operação permitirá à EDP tornar-se a quarta maior eólica mundial. Marca também uma viragem decisiva na sua aposta nas energias renováveis. A estratégia é ambiciosa. A presença nos EUA terá três efeitos principais: presença num grande mercado com uma forte dinâmica inovadora e onde se esperam taxas de crescimento significativas; confere uma nova legitimidade à EDP face aos restantes 'players' da indústria; e alarga horizontes, criando simultaneamente uma base mais forte para contestar a liderança europeia da Iberdrola. Realce-se também a capacidade da empresa para montar e 'proteger' a operação, só a revelando quando ela parece estar consumada. No entanto, esta aquisição não torna a EDP imune a ataques externos. Pode até surgir agora como um alvo mais apetecível. Além disso, uma operação internacional desta dimensão não é fácil de gerir. A integração da Horizon poderá ser complicada, consumindo esforços e recursos. As principais dificuldades que antecipamos decorrem de dois factores: os problemas culturais associados a uma aquisição nos EUA; e a limitada experiência internacional da EDP. Será esta capaz de gerir eficazmente o pós-aquisição? O facto de desejarmos que isso aconteça, não o torna realidade. Para o CEO da EDP trata-se de "uma operação que muda o ADN da empresa".

Pondo de lado os problemas associados a esta analogia biológica, será lícito interrogarmo-nos sobre a validade da afirmação. A aposta na energia eólica parece ser irreversível. A pretendida entrada na energia solar constituirá uma confirmação do empenhamento nas energias renováveis. A presença nos EUA facultará uma base para acompanhamento próximo das tendências de desenvolvimento tecnológico nesse domínio. Mas isso não é suficiente para mudar o ADN. Prosseguindo a analogia biológica, o património genético de uma empresa não se caracteriza pelo que ela faz, mas pelo que ela é. Embora valorizando a ambição revelada, tememos que a operação se inscreva precisamente no que tem sido o elemento central do ADN da empresa: a consideração de que o mercado nacional pode ser considerado como garantido. É nesse mercado que se obtém a margem que permite aventuras externas. Esta lógica é exactamente a mesma que esteve subjacente à incursão da Portugal Telecom no Brasil. Será legítimo alicerçar uma expansão internacional nas elevadas margens decorrentes de uma situação de monopólio de facto em Portugal? Não se estará a criar um suposto 'campeão nacional' à custa dos utentes da electricidade em Portugal? Cremos que o regulador do mercado eléctrico estará atento às pressões adicionais que a expansão internacional da empresa poderá colocar sobre as tarifas praticadas em Portugal, actuando em conformidade. A independência e a avaliação fundamentada do regulador serão decisivas para evitar que a ambição de uma grande empresa se concretize à custa de restrição das legítimas ambições de outras, da competitividade do País e das condições de vida dos Portugueses. A mudança do ADN da empresa não passa apenas pela reorientação para novas fontes de energia e pela posição internacional. Passa fundamentalmente por uma nova atitude face aos clientes - a todos os clientes, incluindo os nacionais. Só esta pode sustentar uma verdadeira ambição internacional.

Uma operação internacional desta dimensão não é fácil de gerir. A integração da Horizon na EDP poderá ser complicada, consumindo esforços e recursos

Espírito empreendedor

Entre os que desejam regressar muitos confessaram a ambição de criar empresas em Portugal, tendo a sessão da tarde do Fórum PAPS sido dedicada à inovação e ao empreendedorismo. Guy Villax, presidente executivo da Hovione, deu o mote ao referir que "em Portugal confunde-se muitas vezes a criatividade com a habilidade de transformar as boas ideias em dinheiro e isso é o que verdadeiramente define a inovação". Já Luís Cabral, professor de Economia de Yale e da New York University, desafiou a plateia a listar as dez grandes inovações mundiais criadas recentemente em Portugal, num claro contraponto com o nosso legado histórico como inovadores e empreendedores. Participaram neste Fórum alguns empreendedores que tiveram tal capacidade. Foi o caso de João Carreira, fundador da Critical Software, a multinacional de software para a indústria aeronáutica sediada em Coimbra que tem a NASA entre os seus principais clientes e é considerada pela Business Week, desde 2003, uma das empresas com crescimento mais rápido da Europa.

João Trigo da Rosa que, entre outros cargos, foi presidente executivo da Portugal Telecom Multimedia e "country manager" da A.T.Kearney, é o actual presidente da Associação de Business Angels. Nessa qualidade, confessou que existe dinheiro para investir em Portugal mas há uma escassez de boas oportunidades. Recentemente, esta associação analisou 50 projectos, dos quais apenas dois reuniram condições para avançar, pelo que aconselhou os candidatos a reunirem equipas que misturem pessoas da área tecnológica com os da área de negócio. "Na fase inicial não se pretende um "business plan" impecavelmente estruturado. Mas é fundamental saber qual é o mercado, quem são os potenciais clientes e a qualidade da equipa dirigente, pontos que por vezes os empreendedores da área tecnológica omitem", afirmou.

Faltam ideias

João Arantes e Oliveira, responsável pela área de "private equity" do Banco Espírito Santo também subscreve a ideia de que existe cada vez mais oferta de capital de risco para projectos de base tecnológica, mas faltam empreendedores. Uma lacuna provocada por dois problemas culturais: o estigma do falhanço e resistência à perda do controlo da empresa. Coube, porém, a João Paulo Girbal, da Microsoft, o momento mais alto de injeção de auto-estima na plateia quando enfatizou o papel da "diáspora de cérebros portugueses". "Todos vocês, tal como eu agora, somos embaixadores de Portugal no mundo global dos negócios e podemos contribuir para a melhoria da imagem do país. Oxalá que a maioria de vós nunca regresse". Eis como em um ano a fuga de cérebros deixou de ser um problema e passou a ser uma oportunidade.



PAPS em desenvolvimento

Em 1998, foi criada uma associação de estudantes de pós-graduação que já engloba mais de 400 membros. Chama-se PAPS (Portuguese American Post-graduate Society) e é extraordinariamente dinâmica. Entre outras iniciativas, a PAPS organiza todos os anos um fórum de debate para onde convergem os seus associados de

todos os pontos dos Estados Unidos e são convidados líderes de opinião nacionais. Nos dias 24 e 25 de Março foi eleita a nova direcção, liderada por João Castro, que está a concluir o seu doutoramento em Engenharia de Sistemas no MIT. Sucede a Duarte Barral, investigador da Harvard Medical School.

nuir o número de instituições apoiadas e que promova inclusivamente a fusão entre elas".

Bolsas em baixa

Outro ponto polémico foi a "queixa" de que o valor das bolsas nunca foi aumentado nos últimos cinco anos. Uma das investigadoras da plateia referiu inclusivamente que não tenciona regressar a Portugal dado que a remuneração que auferem nos Estados Unidos é três vezes superior à que poderia obter em Portugal. João Sentieiro replicou que "está em curso um estudo comparativo à escala europeia para verificar se o valor actual das bolsas ainda é competitivo".

Acrescentou ainda que "as carreiras de investigação devem ser motivadas pela motivação intelectual e não pela financeira", o que gerou um inevitável burburinho na sala. E sublinhou que "os acordos de parceria com as melhores universidades dos Estados Unidos só foi possível devido ao facto de muitos portugueses terem optado por permanecer nessas universidades onde acabaram por se revelar muito úteis ao país".

João Carreira, Critical Software



*Professor Convidado do ISEG - Instituto Superior de Economia e Gestão (Universidade Técnica de Lisboa)